

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

77

INSCRIÇÕES 347-350



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

ARA VOTIVA A AMMA DE VALE DE AZARES

Ara votiva de granito de grão médio, identificada em Fevereiro de 2003, no interior da capela de Nossa Senhora de Azares, na freguesia de Vale de Azares¹, concelho de Celorico da Beira. A epígrafe encontrava-se reutilizada na parede do arco da capela-mor, do lado direito.

Trata-se dum monumento de tamanho médio, rudemente afeiçoado e com um acabamento menos perfeito. A peça revela algumas danificações devido ao reaproveitamento construtivo – apresenta-se truncada no topo e na base, e a aresta direita do campo epigráfico está desgastada. Não possuímos quaisquer indícios de caracterização do capitel. O campo epigráfico é delimitado, na parte superior, por uma moldura simples em faixa (= 3 cm), enquanto na base essa separação é marcada, de forma mais evidente, por meio de uma moldura de gola reversa (= 7 cm), registando-se uma pequena fractura na sua aresta esquerda inferior.

Dimensões: (40) x 33 x (3,5).

Campo epigráfico: 29 x 30,5.

AMMAE · ARA

CELENI · SACRVM

CLEMENS · CELE

RIS · LICĪNVS · CIL[I]

D(e) · S(uo) · F(aciendum) · C(uraverunt).

¹ Vale de Azares é designação colectiva de quatro aglomerados populacionais – Fonte Arcada, Mourilhe, Soutinho e Grichoso. São conhecidos vestígios arqueológicos na região pelo menos desde o início do século XX, nomeadamente nas proximidades de Fonte Arcada. Com efeito, quando se procedia a trabalhos agrícolas numa propriedade, descobriram-se: alicerces de muros, mós, fragmentos de coluna, cerâmica de construção, cerâmica doméstica, um tesouro numismático do séc. IV e uma inscrição onde se lia EXORI (ou EX OFI?) (OLIVEIRA, M. R. (1997), *Celorico da Beira e seu concelho através da história e da tradição*, Câmara Municipal de Celorico da Beira, p. 669-680).

Consagrada a Ama Aracelene. Clemente, (filho de) Celer, e Licino, (filho de) Cilo, mandaram fazer à sua custa.

Altura das letras: l. 1: 4,2; l. 2: 4,7 (C=5,2); l. 3: 4,5; l.4: 4/4,5; l. 5: 4,5. Espaços: 1: 2; 2: 1,5/2; 3 e 4: 1,7/2; 5: 0,3; 6: 0,1.

O texto apresenta-se distribuído por todo o campo epigráfico, dividido em cinco linhas. Na primeira linha destaca-se o teónimo e parte do epíteto, que se prolonga para a l. 2 com a respectiva fórmula de consagração; nas l. 3 e l. 4 são identificados os dois dedicantes com a respectiva filiação. Na última linha, assente sobre o arranque da moldura da base, distingue-se, a toda a largura, a fórmula final. Com base na observação desta última linha supomos que o texto tenha sido alinhado à esquerda, sem recurso à marcação de linhas auxiliares. A pontuação é correcta, tendo sido empregue na separação das palavras e também na fórmula final abreviada.

Os caracteres, em letra capital actuária, de traçado regular, percebem-se sem dificuldade, não proporcionando quaisquer dúvidas de leitura. As hastes horizontais dos EE têm a mesma dimensão, os MM são bastante abertos e formados a partir dos AA. Os LL têm travessões curtos e já pouco perceptíveis. Os RR são de pança aberta e os SS apresentam-se também nitidamente abertos. O *ordinator* recorreu aos nexos apenas na fórmula de consagração (l. 2) e no nome do segundo dedicante (l. 4).

Os dedicantes identificam-se à maneira indígena, mas com *cognomen* latino comum e o respectivo patronímico, estando implícito o termo *filius*. A antroponímia encontra-se bem documentada na Península Ibérica².

O cognome *Clemens* é muito frequente no mundo romano, sobretudo entre escravos e libertos³. O seu significado etimológico exprime a ideia de bondade e doçura, aplicando-se a pessoas com carácter dócil. O patronímico *Celer* é um nome latino também bastante usual⁴. O segundo dedicante identifica-se pelo antropónimo latino –

² VIVES, J. (1971 e 1972), *Incripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, p. 677, 679-680 e 711.

³ KAJANTO, I. (1982), *The Latin Cognomina*, Roma, p. 66, 68 e 69; FERNANDES, L. S. (1997), «A população romana de Ferreira do Zêzere», *Munda*, 34, Coimbra, p. 42.

⁴ KAJANTO, 1982, p. 248.

*Licinus*⁵. O patronímico *Cilus*, e as suas variantes *Cilius*, *Cilia*, *Cilea* e *Cilurnus*, é comum na área lusitana-vetona e na região de Braga⁶.

Os dedicantes não revelam possuir qualquer laço familiar entre si (o que não é impossível). Poderá haver outros motivos para a realização desta dedicatória conjunta, nomeadamente a vizinhança ou a mesma naturalidade.

Atente-se na fórmula final: *d(e) s(uo) f(aciendum) c(uraverunt)*. Sendo especialmente frequente a utilização desta fórmula na Lusitânia, ela ocorre maioritariamente em contexto funerário. Embora não seja invulgar a menção *de suo* em textos votivos, pois conhecem-se alguns exemplos⁷, a expressão *de suo faciendum curavit* surge apenas num caso encontrado na província da Tarraconense⁸.

Amma aparece destacada no cabeçalho da inscrição como teónimo. Até ao momento só conhecíamos uma referência a esta divini-

⁵ A variante de leitura *Licinius* só seria possível com um nexu INI, hipótese que não conseguimos visualizar na inscrição. Abascal Palazón (1994, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, (Anejos de Antigüedad y Cristianismo: II), Murcia, p. 400) regista apenas três testemunhos de *Licinus*: em Tarragona (CIL II 4348), Córdova (CIL II 2300) e em Zalamea de la Serena. M.^a de Lourdes Albertos refere, porém, que o nome *Licinus* se encontra testemunhado quatro vezes na Hispânia e é bastante frequente em Itália, juntamente com *Licinius*, com o qual deve estar aparentado (ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1966), *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense e Bética*, (Theses et Studia Philologica Salmanticensia: XIII), Salamanca, p. 132).

⁶ ALBERTOS FIRMAT, 1966, p. 87; ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1982), «Los antropónimos indígenas de las inscripciones romanas de la región de Penamacor», In *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, p. 53-54; UNTERMANN, J. (1965), *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania Antigua*, (Bibliotheca Praehistorica Hispana: VII), Madrid, mapa 35. Segundo Palomar Lapeza e M.^a de Lourdes Albertos, este antropónimo tem o mesmo radical (*cil-*) do étnico *Cilini* ou *Cileni* (PALOMAR LAPESA, M. (1957), «La onomástica personal pré-latina de la antigua Lusitânia», (Theses et Studia Philologica Salmanticensis: X), Salamanca, p. 63-64; ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1976), «La antroponímia prerromana de la Península Iberica», In *Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Iberica*, Salamanca, vide mapa da p. 70).

⁷ A expressão *de suo* é a fórmula utilizada numa ara monumental de granito que regista um voto a *Trebaronna* em Cabeço dos Tiros (Idanha-a-Nova), e foi empregue também numa ara encontrada em Ninho de Açor, Castelo Branco (CARVALHO, R.; ENCARNÇÃO, J. d' (1991), «Ara votiva de Ninho de Açor», *Ficheiro Epigráfico*, 39 (176), Coimbra). É um facto que esta expressão surge em ambientes nitidamente indígenas, apesar do formulário latinizado (FERNANDES, L. S. (2002), «*De suo*: o registo epigráfico da *impensa* na Lusitânia», *Máthesis*, 11, Viseu, p. 22).

⁸ FERNANDES, 2002, p. 13.

dade, gravada numa ara de *Segobriga* (Cuenca)⁹, mas sem qualquer epíteto. Estão documentados, pelo contrário, diversos antropónimos *Am(m)a* na Europa (não apenas entre as línguas indo-europeias¹⁰). Sendo mais abundantes os casos femininos, também se enumeram algumas variantes no género masculino (*Ammius*, *Amminus* e *Aminus*)¹¹.

A origem etimológica destes antropónimos vem do radical *ami* com o significado de mãe, palavra originada no balbuceio infantil¹². Curiosamente, o equivalente latino deste termo é o antropónimo *mater-nus*, abundante sobretudo no norte da Península Ibérica, possivelmente abrangendo as áreas de nomes indígenas relacionados com *Amma*¹³.

Se examinarmos a quantidade de nomes formados a partir de *amma*, com o significado de *madre*, será que também poderemos conjecturar uma relação entre o culto a *Amma* e a veneração às *Matres* (com as variantes *matribus*, *matris* ou *matronis*), designando uma divindade feminina protectora dum local ou dum povo¹⁴? Considera-se que o culto às *Matres* tinha correspondência com as divindades locais protectoras dos lugares, da família e do clã, e os seus epítetos tradu-

⁹ A ara apareceu na escavação do teatro romano desta cidade. A sua leitura é AMMA / SACR / [...] / EX VOTO (LOSADA e DONOSO (1965), «Excavaciones en Segobriga», *Excavaciones Arqueológicas en España*, 43, Madrid, p. 10-11, lam. IX; HAE 2575). Há uma outra leitura da ara: AMMA / SACR(um) / AMMA / EX VOTO (ALMAGRO BASCH, M. (1984), «Segobriga II – Inscripciones ibéricas, latinas paganas y latinas cristianas». *Excavaciones Arqueológicas en España*, 127, Madrid, p. 89), cujo autor refere que é a primeira vez que aparece o nome da divindade e que a ara foi depositada no Museu Provincial de Cuenca, onde se encontrava ainda à data da sua publicação. Maria de Lourdes Albertos inclui o teónimo AMMA na sua listagem de divindades hispânicas, não tecendo qualquer comentário sobre esta divindade (ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1983), «Teónimos Hispanos», In BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M., *Primitivas religiones ibéricas, 2: Religiones prerromanas*, Madrid, p. 477-488).

¹⁰ *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum*, Ed. Barnabas Lorincz et Franciscus Redo (1994), Budapest, p. 95-97.

¹¹ Ver mapa de distribuição na Península Ibérica dos antropónimos com radical *amm* – em UNTERMANN, 1965, p. 53-54.

¹² ALBERTOS FIRMAT, 1966, p. 21-22.

¹³ ALBERTOS FIRMAT, M^a de Lourdes (1985a), «La onomástica personal indígena de la región septentrional», in *Studia Palaeohispanica — Actas del IV Colóquio sobre lenguas y culturas paleo-hispánicas*, (Veleia: 2-3), Vitória, p. 161.

¹⁴ Curiosamente, próximo deste local, em Paranhos da Beira (Seia), existe uma inscrição votiva dedicada a uma divindade desconhecida, em siglas. Entre as várias hipóteses citadas enumera-se *M(atri) B(onae)* que o autor julgava ser a menos provável, por não terem sido identificados testemunhos deste culto na região (CURADO, F. P. (1986), «Ara votiva de Paranhos da Beira», *Ficheiro Epigráfico*, 17 (76), Coimbra).

ziam os nomes de “tribus, aldeas y núcleos urbanos”¹⁵. Segundo a proposta da tríade funcional de Dumézil, este culto seria integrado na terceira função, relacionada com as forças produtoras, numa associação entre maternidade e prosperidade¹⁶.

Desconhecia-se, até o momento, o epíteto *Aracelenia* ou *Aracelene*¹⁷. Este atributo corresponde a um adjetivo derivado dum topónimo ou dum grupo étnico. Observando os paralelos etimológicos identificados, verificamos que ambas as hipóteses são plausíveis.

Por um lado, a raiz latina *ara* foi usada para designar o lar dos deuses, a protecção ou um monumento honorífico¹⁸, e por outra parte, este radical, seguido de determinativo, é também frequentemente aplicado em topónimos com um sentido de fundação¹⁹.

Quanto ao segundo radical, *celeni*, temos alguns paralelos indirectos no antropónimo e no etnónimo – *Cilenus*²⁰. Há ainda referência a duas *mansiones Aquis Celenis* no Itinerário de Antonino, tratando-se possivelmente das fontes termais do *populus* dos *Celeni*²¹. Conhecemos

¹⁵ SOLANA SÁINZ, J. M. e HERNÁNDEZ GUERRA, L. (2000), *Religión y sociedad en época romana en la meseta septentrional*, Valladolid, p. 153-159.

¹⁶ SILVA, A. C. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, p. 297-298.

¹⁷ Trata-se dum determinativo que concordaria, no primeiro exemplo, em género e caso com o teónimo (1ª declinação), pressupondo o lapso de gravação do “ae” final, não concordando na segunda proposta, se optarmos pelo dativo da 5ª declinação. Acreditamos preferencialmente nesta última solução, porque nos custa aceitar a falha tão grande de gravação.

¹⁸ Dicionário de Latim/Português, Porto Editora, p.118-119.

¹⁹ A raiz *ara* sobreviveu não só em topónimos e hidrónimos, mas também em diversos antropónimos: *Araus*, *Arauus*, *Arauica*, *Aranta*, *Arantonus*, e até em teónimos: *Arantia*, *Arantio*, *Araco Aranio Niceo* (ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1970), «Alava prerromana e romana – Estudio lingüístico», *Estudios de Arqueología Alavesa*, 4, Vitória, p. 128-129). Na região mais próxima encontramos o topónimo *castellani Araocelenses* em Mangualde, os etnónimos *Aravi* (na zona de Marialva) e *Arabrigensis* (algures entre Goujoim e a ribeira da Teja), e também a divindade *Band(i) Araugel(ensi)* (inscrição que se conserva em Badajoz, mas que, provavelmente, veio de Portugal: ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1985b), «A propósito de algunas divinidades lusitanas», *Symbolae Lvdovico Mitxelena septuagenario oblatae*, Valladolid, p. 470-473. Jorge de Alarcão também se questiona sobre a proveniência desta inscrição, chegando a pôr a hipótese de ela ser procedente da zona de Mangualde: ALARCÃO, J. de (1989), «Geografia política e religiosa da *Civitas* de Viseu», *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, 2, p. 308).

²⁰ ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1964), «Nuevos antropónimos hispánicos», *Emerita*, 32 (2), Madrid, p. 240.

²¹ ROLDÁN HERVAS, J. M. (1975), *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*, Valladolid, (Anexos de HA: 7), p. 76, 214-215.

ainda um etnónimo *Seleni* no *conventus Asturum* (CIL II 2599) e a gentilidade de *Caelinicu(m)* em Orense (CIL II 2568).

Para os dois radicais conjuntos, é apenas ao nível da toponímia que se descobrem os paralelos mais directos, como a *mansio Araceli* do Itinerário de Antonino, a cidade *Aracillum*²² das guerras cântabras de Augusto, além do próprio *castellum Araocelum* já atrás referido²³.

Seria então *Amma* a divindade venerada pelos *Aracelenos* ou a devoção própria do lugar de *Aracelum*? Se realmente o epíteto da divindade tiver um carácter tópico, talvez seja possível localizar este topónimo nas proximidades do local onde apareceu a inscrição²⁴.

Por fim, considerando a inexistência de laços familiares entre os dedicantes, será que havia um lugar público, um santuário, onde a ara foi colocada pelos dois devotos? As pedras almofadadas encontradas nas proximidades da capela parecem apontar nesse sentido.

Tendo em conta a paleografia, a tipologia do monumento, a onomástica e a inusitada fórmula final em inscrições votivas²⁵, sugerimos uma datação do séc. II d. C.

MARIA DO CÉU CRESPO FERREIRA
MARCOS OSÓRIO
MANUEL SABINO G. PERESTRELO

²² A *mansio Araceli* localiza-se tradicionalmente em Arbizu, no vale do rio Araquil (Navarra). *Aracillum* estaria situada próximo de Aradillos (Cantábria) (ROLDÁN HERVAS, 1975, p. 215).

²³ Por curiosidade referimos ainda a actual serra alentejana de Araceli, na freguesia de Ataboeira, cujo nome advém da capela de N. Sr.^a de Ara Coeli existente no local (*Diccionario Historico, Biographico, Heraldico, Chorographico, Numismatico e Artistico — Portugal*, João Romano Torres Editor, Lisboa, 1903, vol. I, p. 628).

²⁴ Num documento do século XVIII, a freguesia aparece com a designação de “Vale de Ares” (OLIVEIRA, 1997, p. 669-670). “Ares” corresponderá à evocação popular do primitivo topónimo *Aracelum*? Não seria caso inédito visto que se conhecem as divindades *Magareaicoi* e *Caieobrigoi*, documentadas na inscrição rupestre de Lamas de Moledo, que poderão ter dado origem aos topónimos locais de Alto da Maga e Cela (ALARCÃO, 1989, p. 308). Convém referir que na microtoponímia de Vale de Azares também existem os topónimos Quinta das Mães e Ribeira das Mães.

²⁵ Esta fórmula final aparece com maior frequência entre o séc. I e II d. C. (FERNANDES, 2002, p. 22). Por outro lado, a maioria das aras votivas dedicadas às *Matres* são do séc. II d. C. (SOLANA SÁINZ e HERNÁNDEZ GUERRA, 2000, p. 159) e a ara votiva de *Segobriga* é datada, com base na paleografia, do séc. I ou II d. C. (LOSADA e DONOSO, 1965, p.54-55).



347

ÁRULA VOTIVA DE QUINTELA DE AZURARA, MANGUALDE

Árula que se encontra actualmente na igreja paroquial de Quintela de Azurara, concelho de Mangualde¹. Segundo informações recolhidas, a árula poderá ter vindo da zona da antiga capela da Sr.^a da Esperança.

Trata-se de uma árula votiva de que apenas se conserva a parte superior, notando-se um profundo desgaste das faces laterais. Entre o frontão destruído e o fuste tem uma moldura de duplo listel. O campo epigráfico é rebaixado.

Dimensões: 11/12 x 15/17 x 22.

Campo epigráfico: 16 x 15.

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / ASBI/NVŞ [...]

A Júpiter Ótimo Máximo. Asbino ...

Altura das letras: l. 1: 3-4; l. 2: 3,5-5. Espaços: 1: 1,5; 2: 1,5.

A árula é dedicada a Júpiter com os epítetos Ótimo e Máximo. O nome do dedicante é desconhecido na região e nem Abascal Palazon² nem Solin e Salomies³ o referem.

Nos arredores de Quintela de Azurara têm aparecido inúmeros vestígios da presença romana como fragmentos cerâmicos, mós, pesos

¹ Um agradecimento aos jovens que connosco fizeram o inventário da igreja paroquial, pelo apoio prestado ao estudo desta epígrafe: Rui Duarte, Simão Amaral, Sara Saraiva, Marina Cabral, Hugo Figueiredo e Andreia Amaral.

² ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994), *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad Complutense.

³ SOLIN, Heikki e SALOMIES, Olli (1994), *Reportorium Nominum Gentilium et Cognominum*. Hildesheim: Olms-Weidmann.

de tear, um deles epigrafado⁴, uma ara funerária⁵ e uma outra dedicada a Júpiter Ótimo Máximo⁶.

Na região foi encontrada outra ara dedicada a Júpiter Ótimo Máximo⁷ em Passos, a cerca de 3,5 km de Quintela de Azurara.

PEDRO PINA NÓBREGA



348

⁴ VASCONCELLOS, José Leite de (1910), «Anacleto archeologica: 3. pondus de barro», *O Archeologo Português*, 9, 325-326.

⁵ COELHO, José (1957), «Cinco inscrições latinas (de Viseu e imediações)», in *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, pp. 250-252.

⁶ DIAS, Maria Manuela Alves (1986), «Inscrição votiva da Quintela de Azurara, Mangualde». *Ficheiro Epigráfico*, 20, n.º 90.

⁷ GOMES, Luís Filipe C. (1986), «Árula votiva de Passos», *Ficheiro Epigráfico*. 16, n.º 69.

BLOCO EPIGRAFADO DE TONDELA

Bloco de granito de grão fino, com inscrição romana, identificado em reutilização na parede de uma antiga casa existente na Rua D. Abel Lacerda, em Tondela¹.

Dimensões: 40 x 59 cm.

CAVDICI

De Caudico.

Altura das letras: o primeiro C e o V = 6 cm; o A, o primeiro I e o último C = 7; o D = 8,5; o último I = 6,5. A inscrição dista 6 cm da face superior, que começa a apresentar um boleado, por erosão, aos 4 cm. A inscrição inicia-se e termina, respectivamente, a 7 cm das faces laterais do bloco.

Caracteres actuários, abertos com goiva: A sem barra, V largo, D ovalado (o que levou os primeiros descobridores a lerem O, C amplo.

Caudicus é antropónimo indígena, registado outras duas vezes na Lusitânia: em Idanha-a-Velha e em Montelavar (Sintra)².

¹ Tive conhecimento da existência da epígrafe, na 1ª quinzena de Setembro de 2002, através do geólogo Alberto Coimbra, que me solicitava, na minha condição de técnico do IPA (Extensão de Viseu), que fossem tomadas as medidas que achasse necessárias para evitar que qualquer empreiteiro, mais cedo ou mais tarde, a danificasse. Das conclusões da minha deslocação dei conhecimento à Câmara Municipal de Tondela, a 8 de Outubro seguinte. Posta a hipótese da publicação no *Ficheiro Epigráfico*, por motivos óbvios, procurei saber quem fora o primeiro historiador ou arqueólogo a descobri-la. Na sequência desses esforços, o Dr. Pedro Sobral contactou-me, dizendo que já lhe tinham dado conhecimento da inscrição em Agosto, estando prevista a publicação conjunta com o Dr. Paulo Monteiro. No entanto, acabaria mais tarde por renunciar a esse intento, deixando ao signatário a possibilidade de proceder à publicação, o que faço, a pedido do Doutor José d'Encarnação, que também falou com Pedro Sobral.

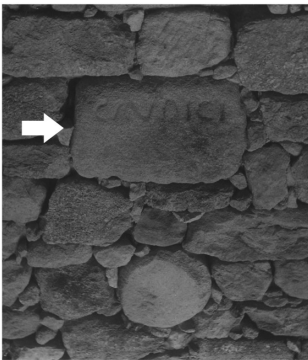
² Cf. GRUPO MÉRIDA, *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 138, s. v. «Caudicus»: HAE 1107 e CIL II 260. Ver ainda: RIBEIRO (J. Cardim), «Estudos histórico-arqueológicos em torno da figura de *L. Iulius Maelo*

A presença de um genitivo em bloco rude, mui verosimilmente destinado a figurar na fachada – ou mesmo, quiçá, acima da porta de entrada – de uma casa leva-nos a supor que se subentenderá a palavra *domus* e que teremos aqui algo de equivalente ao que sucede na Citânia de Briteiros, em relação a *Camali domus*³. Um ambiente indígena, portanto, mas já impregnado da cultura romana, sobretudo se tivermos em consideração não ser este uso epigráfico muito frequente.

Caso seja, um dia, retirada a pedra, esperemos que esteja presente um arqueólogo, confirmando a existência, ou não, de qualquer cavidade, na face agora virada para baixo, de fixação de “ferros de luva” para elevação do bloco. Em caso afirmativo, ganharia mais força a nossa interpretação.

Pela paleografia e pelo uso de um nome indígena – embora saibamos quão falíveis são estes critérios – apontaríamos o século I d. C. como horizonte cronológico desta epígrafe.

ANTÓNIO J. NUNES MONTEIRO



349

Caudicus», *Sintria* I-II (1), 1982-1983, p. 211-217 (com mapa de distribuição de achados).

³ Cf. CARDOZO (Mário), *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães, 1976, p. 43.

ARA VOTIVA DEL TEMPLO ROMANO
DEL COLLADO DE “PIEDRAS LABRADAS”
JARILLA (CÁCERES)

Ara votiva en granito de grano grueso localizada junto a las ruinas del templo en el collado de Piedras Labradas, Jarilla (Cáceres). El epígrafe forma parte del legado arqueológico del Dr. Marceliano Sayans Castaños, en la localidad de Casas del Castañar (Cáceres).

Está formada por base, fuste y cornisa, no existe *foculus* en el coronamiento ni decoración lateral o *pulvini*.

Medidas: 72 x 37 x 35.

D E A E-S
A L L I V S
AGATHAS
V · S · L · A

Deae · S(acrum) / Allius / Agathas / v(otum) · s(olvit) · l(ibens) · a(nimo)

Consagrado a la diosa. Allio Agatha cumplió el voto con ánimo alegre.

Letras: 5 cms. capitales cuadradas.

La ausencia del téonimo no tiene nada de particular, considerando que la identidad de la divinidad debía de ser evidente por su situación¹. Respecto a la onomástica del dedicante, *Allius* es un gentilicio atestiguado principalmente en la mitad norte de Lusitania², mientras que *Agathas* es un cognomen de origen griego muy corriente pero no atestiguado en esa forma en Hispania.³

¹ Cfr. J. D'ENCARNAÇÃO, “Omissão dos teónimos em inscrições votivas”, *Veleia* 2-3.

² J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia, Universidad, 1994, p. 75, con un completo listado de los testimonios conocidos.

³ ABASCAL, *op. cit.* p. 261; A. LOZANO, *Die griechischen Personennamen auf der iberischen Halbinsel* (Beiträge zur namenforschung, 49), Heidelberg, 1998, pp. 20-21.

Con el descubrimiento de este nuevo epígrafe, suben hasta unas 30 aras las descubiertas en torno al templo romano de Piedras Labradas⁴ (Jarilla, Cáceres), de las que sólo cuatro conservan total o parcialmente el texto de la dedicatoria⁵ convirtiéndose en un santuario de notable interés comparable al de otro dentro del área extremeña, Alcuéscar⁶. Que del numeroso conjunto de altares mencionado, la inmensa mayoría sean anepígrafos es algo para lo que no existe de momento una explicación razonable: quizás buena parte de ellas fueran realizadas sin una dedicatoria o quizás la pérdida del texto se debe al desgaste sufrido por las condiciones climáticas de la zona (puesto que las ruinas de este templo se encuentran a algo más de 1000 metros de altitud).

Este nuevo hallazgo epigráfico desvela la identidad de la advocación o protector del lugar. El primer autor que se refirió a este enclave fue el Dr. Sayans Castaños que decía que el templo estuvo dedicado exclusivamente a la veneración de la figura del Cesar⁷. Esta dedicatoria, así como la nueva lectura efectuada a otro de los epígrafes ya conocidos⁸, nos hace pensar que este templo estaba dedicado a una

⁴ M. de ALVARADO GONZALO, M. C. GARCÍA-HOZ ROSALES y A. GONZÁLEZ CORDERO, "El templo romano del Collado de Piedras Labradas (Jarilla, Cáceres)", en J. ALVAR (ed.) *Homenaje a José M. Blázquez, V: Hispania romana*, 1988, pp. 1-19.

⁵ M. SAYANS CASTAÑOS, *Artes y pueblos primitivos de la Alta Extremadura*, Plasencia (Cáceres), 1957, n° 1: *Cecpr-sp[...]* p. 214; n° 2: *Meb[...]/[...]/vies/P-[e]ca[...]/ap[r]o[...]/v(otvm)-s(olvit)-l(ibens)-a(nimo)* p. 215; n° 3: *Sever/Caepai/Caes[...]/v(otvm)-solvit-l(ibens)-a(nimo)*, p. 216; R. HURTADO DE SAN ANTONIO, *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas: Cáceres*, Diputación Provincial de Cáceres, Servicios Culturales, 1977, n°s 807, 318 y 808.

⁶ J. RIO-MIRANDA ALCÓN, "Nuevas aportaciones a la epigrafía y arqueología de Cáceres. Ara a Ataecina Turibrigensis, descubierta junto a la ermita visigoda de Santa Lucia del Trampal, Alcuéscar (Cáceres)", *Boletín Informativo del Grupo Cultural de Valdeobispo*, n° 11-12, 1982, pp. 4-10; L. CABALLERO, J. ROSCO, "Iglesia visigoda de Santa Lucia del Trampal, Alcuéscar (Cáceres) 1ª Campaña, 1983-84", *Extremadura Arqueológica I* 1988, pp. 231-246; L. CABALLERO, A. ALMAGRO, A. MADROÑERO Y A. GRANDA, "La iglesia de época visigoda de Santa Lucia del Trampal, Alcuéscar (Cáceres)", *Extremadura Arqueológica II* 1991, pp. 507-510; J. M. ABASCAL PALAZÓN, "Las inscripciones latinas de Santa Lucía del Trampal", *Archivo Español de Arqueología*, 68 1995, pp. 31-105.

⁷ M. SAYANS CASTAÑOS, *op. cit.*, pp. 216-217; HURTADO DE SAN ANTONIO, *op. cit.* n° 318, HAE 1788: *Sever/Caepai/Caes[...]/v(otvm)-s(olvit)-l(ibens)-a(nimo)*

⁸ M. SAYANS CASTAÑOS, *op. cit.*, *Meb[...]/[...]/vies/P-[e]ca[...]/ap[r]o[...]/v(otvm)-s(olvit)-l(ibens)-a(nimo)* p. 215; HURTADO DE SAN ANTONIO, *op. cit.* n° 808.

divinidad salutífera, asociada a las especiales características hidrológicas de la zona, con abundantes manantiales próximos a sus ruinas.

Uno de estos manantiales aun conservaba, a comienzos de la década de los 80, algunas piedras colocadas alrededor de la fuente de forma intencionada y durante esa visita se localizaron en sus proximidades tres fragmentos de cerámica campaniense que pertenecían a la misma pátera, cuya forma se adscribe a la clasificación Lamboglia B5, dos monedas pertenecientes a época republicana, un denario de Augusto, reverso escudo, esta moneda de ceca militar móvil⁹ y un bronce de la serie del toro en el reverso y correspondiente a la ceca de Celsa, emisión de los años 27 al 23.¹⁰

JAIME RIO-MIRANDA ALCÓN
M^a GABRIELA IGLESIAS DOMÍNGUEZ



350

⁹ L. VILLARONGA, *Numismática Antigua de Hispania*, Barcelona, 1979, (Celsa) p. 260 n° 958.

¹⁰ L. VILLARONGA. *op. cit.* (taller militar móvil), n° 1036, p. 272; J. B. GIRAD, *Catalogue des Monnaies de l'Empire Romain, I Auguste*, Paris, 1976.